

1. INTRODUÇÃO

Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), o crescimento do Brasil deverá ficar em apenas 0,8%, atrasando ainda mais a recuperação econômica do Brasil, sendo gradativa a partir de 2020.

A relação entre EUA e China parece caminhar bem e os números ruins da economia chinesa e a possível fuga de alguns investidores fazem urgir um acordo para os chineses. Apesar disso, problemas com vizinhos no Mar do Sul podem criar um atrito entre os dois.

A União Europeia, sofrendo com crescimento baixo e baixa expectativa de

inflação, anunciou que o relaxamento monetário deve ficar para setembro, com corte de juros e o retorno da política de relaxamento quantitativo.

Segundo o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), o prolongamento da crise entre China e EUA pode reduzir o PIB da região das Américas do Sul e Central.

Para o agronegócio nacional, a boa notícia vem na forma de aumento das startups ligadas ao agronegócio, que passaram de 400 no Brasil, com grande parte delas com menos de 2 anos, colocando o país na trilha da agricultura 4.0 ou *Smart Farming*.

2. PANORAMA INTERNACIONAL

Apesar de a economia norte-americana permanecer aquecida, os juros devem ser baixados ainda mais, pois a indicação de Trump para o FED quer cortes mais drásticos da taxa de juros, o que poderia aquecer ainda mais a economia em um momento de dificuldades devido ao problema com os chineses.

Segundo o relatório do USDA, a safra norte-americana até o dia 21 tinha números de florescimento muito abaixo dos números do ano passado e se projeta uma seca em agosto, que poderia prejudicar ainda mais a produção norte-americana de grãos.

Assim, o preço de produtos agrícolas não saltou muito em julho, pois a queda já estava precipitada e o mercado busca, no momento, essas informações sobre secas e/ou geadas para reavaliar os preços.

A taxa de desemprego subiu nos EUA em junho, apesar de a criação de 244 mil vagas, pois o pedido por auxílio desemprego aumentou bastante, o que só poderia ocorrer com o aumento da população economicamente ativa.

O dólar se desvalorizou perante algumas moedas do mundo, pois como já foi citado, a expectativa é de que a taxa de juros no país vai cair meio ponto, o que leva investidores a procurarem outro país para investir de forma mais segura, mas com maior retorno.

A escolha de Boris Johnson como primeiro ministro não deixa dúvidas: vai haver um Brexit. As ideias dele são de manter um mercado totalmente livre para com a Europa, o que o governo central europeu já negou caso ele não aceite o fluxo livre de pessoas.

As economias italiana, inglesa e alemã estão com dados negativos, e essas são 3 das principais economias europeias. Várias empresas alemãs estão diminuindo o horário dos trabalhadores, que indica maior ociosidade. Para combater isso, o Banco Central Europeu deve cortar os juros.

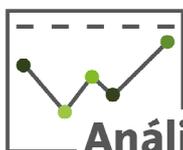
O crescimento de lucros da indústria chinesa despencou em relação ao ano passado, reduzindo bastante a lucratividade das empresas. Isso ocorreu pela disputa comercial com os EUA e algumas companhias já buscam outros países no sudeste asiático como alternativa.

Os efeitos no Brasil dessa redução ainda são nulos, pois há uma maior demanda de produtos brasileiros por parte dos chineses visto que eles colocaram barreiras sobre produtos americanos; no caso de um acordo, o Brasil deve sofrer com o excesso de produtos.

A economia japonesa deve com seu crescimento baixo de PIB, devendo ficar entre 0,6% e 0,8%, não alterando muito o consumo, ainda mais com um aumento na taxa de juros sendo previsto e com os salários estáveis.

A economia sul coreana se recupera de uma queda no crescimento econômico no primeiro trimestre, mas o problema fronteiriço e fiscal com o Japão deve atrasar ainda mais essa recuperação.

A Colômbia está em uma situação parecida com a do Brasil, com a recuperação econômica lenta em relação ao esperado, mas ainda superior à brasileira, sendo projetado crescimento de 3,2%. Importa derivados de



Macroeconomia

JULHO DE 2019

cana – açúcar e álcool para bebidas –, que não deve ser tão afetado.

A economia peruana, apesar de estar sólida na questão macroeconômica, não aponta crescimento muito elevado. Um pouco disso venha da questão política, pois há uma “Lava-Jato” em andamento no país, mas o investimento privado está baixo e é o principal elemento desse baixo crescimento.

O Banco Central da Argentina tomou medidas para controlar a inflação e o dólar, aumentando taxas de juros e reservas bancárias. Para o Brasil, é ruim a notícia dos juros continuarem alto, pois diminui a demanda interna argentina.

3. BRASIL

Segundo o Boletim Focus do dia 29 de julho, o crescimento do PIB em 2019 teve sua expectativa reduzida para 0,82%, pois além dos fatores já elencados em boletins anteriores, houve a divulgação de novos dados do IBGE mostraram que a economia sofreu uma retração de 0,2% no PIB do primeiro trimestre e que a economia está no mesmo ritmo fraco do ano de 2018.

Ainda segundo o mesmo relatório, a inflação de 2019 está estimada em 3,75%, abaixo da meta de 4,25%. A expectativa de inflação foi diminuída com a divulgação de dados oficiais que trouxeram a inflação abaixo do esperado, além do arrefecimento das expectativas na economia mundial.

O dólar iniciou julho cotado a R\$ 3,84, mas houve valorização do real perante a moeda americana, fechando o mês em R\$ 3,79. Isto se deve à fala de autoridades do FED, que indicaram o corte de juros, o que aumentaria a demanda por produtos brasileiros em um momento de aproximação entre os dois países.

Essa valorização seria ainda maior não fosse o anúncio europeu de que não haveria um novo *quantitative easing*, o que gerou um rearranjo de investimentos em escala mundial, afetando bastante os investimentos em países em desenvolvimento.

Com a criação de 48 mil vagas em junho, o desemprego diminuiu no Brasil, com o saldo no primeiro semestre ficando em 408 mil vagas, melhor resultado desde 2014. Com isso, o consumo subirá, o que aumentará ainda mais a demanda por carnes.

Os preços do petróleo caíram em julho, de US\$ 59,09 para US\$ 56,51 o barril, com aumento de preços no primeiro terço do mês, pela divulgação de que os estoques americanos caíram bastante, mostrando demanda aquecida. Ao final do mês, a tendência também é de alta, devido ao problema no estreito de Ormuz, visto que cerca de 20% do petróleo passa por ali.

Os preços agrícolas caíram levemente em junho, com o índice da FAO de alimentos reduzido em 0,29%, puxado para cima pelos preços de carne e grãos, tendo este último aumento de 6,72%. O destaque negativo fica por conta dos laticínios, com queda de 11,90%, mesmo com queda do número de produtores.

As exportações do agronegócio brasileiro em junho foram de US\$8,34 bilhões, sendo esse valor 8,9% abaixo da exportação de junho de 2018. Os principais produtos da pauta de exportação foram as carnes e o milho, com o agronegócio respondendo por 46,3% do total da balança comercial brasileira.

Esta última apresentou no mês de junho um superávit de 4,9 bilhões de reais. O saldo foi 13,3% menor do que o registrado em junho do ano passado, quando a balança comercial teve saldo positivo de US\$ 5,789 bilhões. Houve aumento nas vendas de produtos básicos e aumento nas compras de adubos e fertilizantes e leites e derivados.

Esses números mostram que o agronegócio, novamente, está sendo importantíssimo para o crescimento brasileiro, com incremento de 5,7% em relação à safra 2017/18. Para manter mercados abertos, é necessário mostrar que o país cumpre a cartilha ambiental e não desmata e nem abusa de agrotóxicos, contrapondo-se ao que se divulga na mídia internacional.

E essa questão ambiental é inerente ao agronegócio atual brasileiro, que cresce menos sobre áreas inexploradas, com o ganho sendo, principalmente, em produtividade, e esse é um importante fator de preservação ambiental que poderia ser mais explorado, principalmente em um mundo em que as barreiras tarifárias foram substituídas por barreiras não-tarifárias, nas quais qualquer coisa pode ser usada como pretexto de proteção buscando o “bem geral” e o futuro da humanidade.